

COMUNICAÇÃO



Esta seção analisa a imagem do presidente eleito do Brasil, Jair Bolsonaro, na imprensa internacional, que enfatiza seu caráter racista, machista, homofóbico e o expõe como grande ameaça à democracia no Brasil. Também traz uma síntese dos editoriais dos principais grupos da imprensa tradicional brasileira após a eleição. Fato é que à exceção da repórter Patrícia Campos Mello, que seguiu as pistas e investigou a contratação de empresas para disseminação de notícias falsas já na reta final da campanha, nenhum dos grandes veículos tradicionais do Brasil cumpriu seu papel. A comparação de ambos os posicionamentos leva à constatação óbvia da colaboração da mídia para que o representante da extrema direita tenha chegado à presidência.

Bolsonaro na imprensa estrangeira

Jair Bolsonaro tentaria dizer que todos os jornais estrangeiros, entre os quais os mais importantes do mundo, são como a *Folha de S. Paulo* e só produzem *fake news*. É difícil imaginar que o presidente “infelizmente” eleito tivesse outra saída diante das manchetes, artigos e reportagens publicados em dezenas de veículos mundo afora.

O jornal francês *Le Monde* afirmou que o Brasil elegeu para presidir a República um racista, sexista, homofóbico e defensor da tortura. Uma verdadeira volta ao passado na visão dos franceses. O *New York Times*, vendo a possibilidade de que Bolsonaro vencesse a eleição, decretou que essa seria uma triste escolha do Brasil. O editorial do jornal estadunidense classificou as visões do político como repulsivas e sua carreira parlamentar como obscura. Para o *NY*

Times, ele é o mais recente de uma longa lista de políticos populistas que se aproveitam de uma onda de frustração e desesperança para chegar ao poder defendendo uma agenda conservadora.

Um artigo publicado no *Le Monde* pelos pesquisadores Antoine Aeker, Universidade de Zurique, e Silvia Capanema, Universidade Paris XII, apresenta uma leitura sucinta e completa das eleições no Brasil e que traduz o que os jornais não conseguiram descrever em suas reportagens. Os pesquisadores dizem que a conjunção entre ultraliberalismo e fundamentalismo religioso ganhou força diante da rejeição ao PT, na visão deles influenciada pelos grupos midiáticos, e, também, pela queda da direita tradicional.

Aeker e Capanema vão além e defendem que a eleição trouxe à luz fraturas históricas da sociedade.

de brasileira, a começar pela memória vazia sobre a ditadura militar. Os pesquisadores se dizem impressionados pelo fato de as posições de Bolsonaro sobre ditadura e tortura não serem suficientes para a formação de uma frente republicana contra ele. O artigo ainda conclui que o resultado da eleição desmistifica a imagem de um país mestiço e aberto e mostra que o Brasil tem uma sociedade marcada pelo racismo e por uma fratura social escancarada.

O artigo publicado no jornal francês toca em um ponto fundamental, a influência da mídia tradicional sobre a rejeição que parte da população tem pelo Partido dos Trabalhadores. O processo eleitoral demonstrou como jornalistas buscavam ser implacáveis com Fernando Haddad tentando pressioná-lo devido a casos de corrupção com os quais ele não tinha ligação e como os mesmos jornalistas foram condescendentes com Jair Bolsonaro, em momento algum cobrado sobre as mentiras que utilizou para aumentar o sentimento anti-PT. Um grande exemplo é a mentira sobre o “kit gay”. Apesar de ter levado o exemplar de um livro que nunca circulou nas escolas para dentro de uma entrevista no Jornal Nacional, a emissora e o telejornal nunca cobraram o candidato sobre o feito.

Os oligopólios midiáticos no Brasil têm grande responsabilidade na eleição de Jair Bolsonaro pela distorção da História do Brasil, pelo patrocínio da rejeição ao PT e por colaborarem para a destruição da credibilidade do discurso político, mas também por não permitirem que empresas de comunicação estrangeiras possam operar dentro do país. Se as publicações da *The Economist* e do *Financial Times* fossem levadas em conta pela classe média brasileira, toda essa parcela da sociedade saberia que está “dando um tiro no escuro”.

The Economist publicou mais de um artigo alertando que Bolsonaro é um perigo para a democracia e que ele produz uma perversão do liberalismo. Já o inglês *FT* trouxe a seguinte manchete, “Uma vitória de Bolsonaro colocará a democracia brasileira à prova”. O texto afirma que “quaisquer que sejam as falhas do PT, elas são modestas se comparadas à ameaça potencial representada por Bolsonaro”.

Em momento algum a imprensa tradicional brasileira trouxe para os seus públicos a perspectiva

internacional que é, basicamente, um consenso. É possível citar muitas outras manchetes alarmantes: “Uma ameaça neofascista ronda o Brasil”, do *El País*; “Bolsonaro ameaça o mundo, não apenas a incipiente democracia brasileira”, do *The Guardian*; “Como Bolsonaro encantou as minorias brasileiras – enquanto também as insultava”, do *Washington Post* e “O falso moralista racista do Brasil”, do suíço *Neue Zürcher Zeitung*.

Entre tantas polêmicas geradas por Jair Bolsonaro, o discurso feito para os seus apoiadores na Av. Paulista, em que ele falou em prender ou exilar os “vermelhos”, também deixou os jornais estrangeiros perplexos. Para quem olha de fora, o Brasil acaba de eleger um desequilibrado. Nas palavras do *Le Monde*, “um ilusionista sem escrúpulos”. Esse “ilusionista” escondeu durante a campanha uma de suas grandes maldades, o ataque ao meio ambiente. Alguns jornais estrangeiros chegaram a alertar para a questão que, como sempre, foi convenientemente ignorada pela imprensa brasileira.

Bolsonaro na imprensa tradicional brasileira

No momento, o futuro é incerto até mesmo para os veículos de comunicação brasileiros que não sabem como lidar com Jair Bolsonaro. Ele dribla a imprensa, que atua como intermediária entre a política e a sociedade. Bolsonaro utiliza as redes sociais para se comunicar diretamente com o seu eleitorado. Quando algum jornal ou emissora o desagrada, ele imediatamente põe em xeque a credibilidade do veículo e tenta estabelecer uma “verdade paralela”. O fim dessa ilusão inescrupulosa é uma incógnita.

O editorial publicado pelo jornal *O Estado de S.Paulo* no dia 29, “Salto no escuro”, lamenta a derrota da oposição “tradicional, organizada e responsável” para o obscuro parlamentar. E afirma que “O eleitor escolheu Bolsonaro sem ter a mais remota ideia do que ele fará quando estiver na cadeira presidencial. Não é um bom augúrio, justamente no momento em que o País mais precisa de clareza, competência e liderança”. E conclui que o PT, como principal partido de oposição, terá de repensar sua atuação em benefício do país.

Outro texto publicado pelo jornal no dia 30, “Desarmando os espíritos”, ressalta que tanto Bolsonaro como Haddad baixaram o tom de seus discursos após o anúncio do resultado eleitoral e que isso seria um bom prenúncio. “Felizmente, o presidente eleito fez logo em seguida outro pronunciamento, este sim, dirigido ao conjunto da sociedade - quando então manifestou seu compromisso de ser ‘um defensor da Constituição, da democracia e da liberdade’”. O texto conclui que “vencido e vencedor parecem ter compreendido que o discurso de ódio, uma vez apurada a vontade soberana da Nação, levaria a uma perigosa ruptura”.

A *Folha de S. Paulo* foi na mesma linha em seu editorial publicado dia 29, “Constituição acima de todos”, no qual escreve que “em seus discursos da vitória, o capitão reformado amainou a retórica agressiva que vinha empregando, dirigiu-se genericamente a ‘todos os brasileiros’ e fez o devido elogio à Constituição, à democracia e às liberdades.”

O texto menciona, porém, que durante 27 anos como deputado e ao longo desta eleição Bolsonaro deu inúmeros sinais de que ignora rudimentos da convivência democrática. E afirma que ele desconhece o papel da imprensa livre.

No dia 30, a *Folha* dedicou seu editorial, “Pequenez na derrota”, a atacar o discurso de Fernando Haddad. “Esteve longe de mostrar a capacidade de liderar uma oxigenação do discurso e das práticas da sigla... Voltaram, previsivelmente, os queixumes contra o impeachment de Dilma e a ‘prisão injusta’ do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, condenado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro.” Criticou também o fato de ele não ter seguido imediatamente o rito de cumprimentar o eleito pela vitória.

O mais otimista foi, como era esperado, o jornal *O*

Globo, que em seu editorial do dia 29, “A hora do rodízio democrático no poder”, afirma que o resultado do pleito serviu para atestar a solidez do estado democrático de direito e consolidá-lo ainda mais. “A eleição de Bolsonaro, ex-capitão do Exército, deputado federal com sete mandatos, abre um novo ciclo na democracia brasileira.”

A Ombudsman da *Folha de São Paulo*, Paula Cesarino Costa, criticou em seu texto publicado em 28 de outubro que o jornal tenha começado a desvendar estratégias eleitorais na internet só na reta final, com a publicação da reportagem sobre a contratação de empresas para disseminar notícias falsas sob o patrocínio de apoiadores de Bolsonaro, o que configura doação ilegal.

Para ela, impressiona que a imprensa tenha sido surpreendida pelo domínio e alcance do uso de redes sociais, inclusive por meio das *fake news*, para atingir os eleitores, já que desde a articulação da greve dos caminhoneiros em maio deste ano já havia se evidenciado a nova forma como os variados estratos da sociedade passaram a conversar entre si. “Uma enxurrada de notícias falsas se fez presente, mas o combate a elas se espalhou. Desde julho, o Facebook removeu ao menos 275 páginas e 172 perfis por inconformidade com as políticas de spam e de autenticidade. Após publicação de reportagem da *Folha*, o WhatsApp baniu centenas de milhares de contas, inclusive a de Flávio Bolsonaro, filho do candidato do PSL à Presidência.”

Ela conclui que “o jornalismo parece não ter aprendido nada com o fracasso dessa cobertura. A imprensa necessita renovar ferramentas para estar à altura do desafio de enfrentar robôs e estruturas especializadas. Tem de criar meios para a investigação profunda de tais procedimentos. Precisa entender melhor o comportamento e o interesse do leitor.”